

VEÍCULO: O GLOBO

DATA: 06/02/2017

ASSUNTO: FEBRE AMARELA

TIPO: NOTÍCIA

CADERNO: SOCIEDADE PÁG.: 22

## ABISMO SANITÁRIO



**Presença humana.**  
Área no limite de Baixo Guandu e Itaguaju, no Espírito Santo; com medo da doença, pessoas também estão matando macacos



**Força-tarefa.**  
O primatologista Sérgio Lucena (à frente) e o técnico ambiental Rogério Ribeiro na Serra dos Pregos; em busca de carcaças e bandos sobreviventes



**Vazio.**  
Lucena e a estudante de Biologia Bruna conversam com o lavrador Waldir Henker (na moto); macacos sumiram e não cantam mais

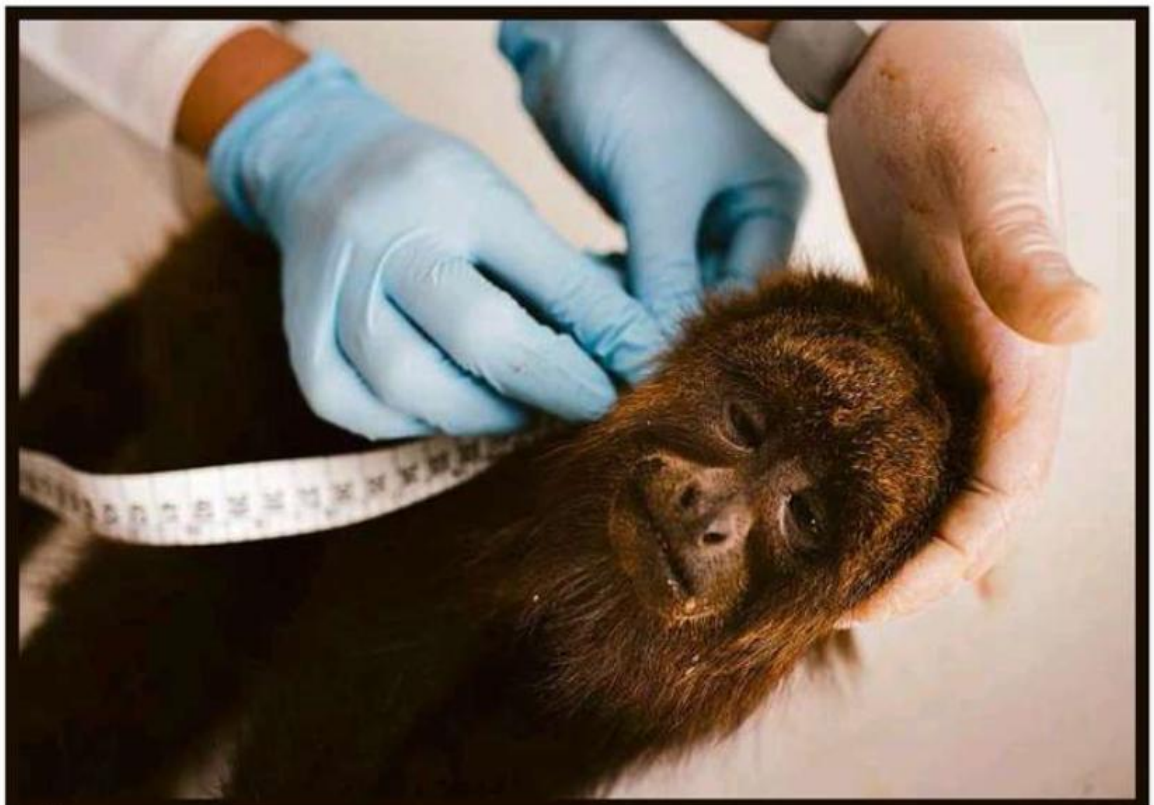
# FEBRE AMARELA MORTE DE MACACOS SILENCIA A FLORESTA

Surto mergulhou Mata Atlântica numa das maiores tragédias de sua história recente

ANA LUCIA AZEVEDO  
Enviada especial  
ala@oglobo.com.br  
-SANTA TERESA, ES-

**N**uma floresta das terras altas da região central do Espírito Santo, o chiado das cigarras é interrompido por risadas distantes. O riso, na verdade, é o grito de alerta de um bando de saúás, que se embrenha pela mata e desaparece. Os saúás da Reserva Biológica de Santa Lúcia, em Santa Teresa, são sobreviventes de um massacre. Fogem da segunda onda de destruição da Mata Atlântica em menos de dois anos. À medida que a febre amarela se alastra, ninguém mais canta, ninguém ri. A febre calou os macacos, as vozes mais estridentes da floresta, e mergulhou a Mata Atlântica numa de suas maiores tragédias.

A primeira onda veio em lama e rocha de mineração. Arrancou árvores. Sepultou rios. A segunda se derrama agora pela copa das florestas, vence montanhas, espalha morte. A febre amarela provoca o que especialistas já consideram a maior matança de animais na história recente da Mata Atlântica. Depois dos rejeitos da barragem da Samarco em Mariana, em 2015, o mais devastado dos biomas do Brasil sofre outra vez. De novo, o epicentro é o Vale do Rio Doce, entre Minas Gerais e Espírito Santo. Mas há registros de macacos mortos também em São Paulo, Bahia,



Cuidado.

VEÍCULO: O GLOBO

DATA: 06/02/2017

ASSUNTO: FEBRE AMARELA

TIPO: NOTÍCIA

CADERNO: SOCIEDADE PÁG.: 22

Goiás e Mato Grosso do Sul.

#### PERDA INCALCULÁVEL

O primatólogo Sérgio Lucena, que há três décadas estuda a região do Vale do Rio Doce, diz que só no Espírito Santo 600 carcaças de macacos foram encontradas desde o início de janeiro. Este número, segundo ele, representa apenas entre 10% e 20% do real. Em Minas, os macacos simplesmente desapareceram de algumas áreas. Começaram a morrer meses antes e ninguém sabe calcular ainda a perda.

— Só é possível recuperar uma pequena parcela dos animais, aqueles que morrem no chão da floresta, mas muitos estão nas árvores. São milhares de mortos, um desastre sem precedentes — afirma Lucena, professor do Laboratório de Biologia de Conservação de Vertebrados da Universidade Fe-

deral do Espírito Santo. Biólogos medem um bugio encontrado morto; espécie é uma das maiores vítimas do surto de febre amarela nas florestas

deral do Espírito Santo.

As maiores vítimas são bugios ou barbados (*Alouatta guariba*), outra muito comuns na região. Mas nesta epidemia animal — epizootia, no jargão da ciência — morrem ainda saúds ou guigós (*Callicebus personatus*), macacos-pregos (*Sapajus nigritus*) e micos-de-cara-branca (*Callithrix geoffroyi*).

A região é habitat de espécies ameaçadas de extinção. A mais preciosa delas, o muniqui-do-norte (*Brachyteles hypoxanthus*), maior primata das Américas, por enquanto tem se mantido a salvo — a espécie parece ser mais resistente ao vírus da febre amarela. Mas o raro e ameaçado sagui-da-serra

(*Callithrix flaviceps*) não escapou. Na semana passada, de um bando de 14 animais, 12 morreram em Ipanema, município mineiro na divisa com o Espírito Santo.

— Os macacos são mais vulneráveis que o ser humano. Para eles, não há a proteção da vacina. Nas florestas, a febre amarela silvestre ocorre em ciclos de cerca de sete anos. Mata macacos e depois desaparece para reemergir quando a população se recupera. Mas nada com a dimensão que vemos agora aconteceu antes — diz Lucena.

A febre amarela não é uma doença originária da floresta brasileira. É um flagelo que acompanhou a desgraça da escravidão. Os navi-

os negreiros do século XVII trouxeram da África também o vírus e o mosquito *Aedes aegypti*. A febre era inicialmente urbana.

Mas o vírus se espalhou e nos anos 1930 a forma silvestre foi descrita no Vale do Canaã, no Espírito Santo, onde agora volta a assombrar. Ele se tornou capaz de infectar os mosquitos silvestres e estes o transmitiram para suas vítimas preferenciais, os macacos. O principal reservatório é o mosquito. E o macaco se tornou hospedeiro. Não é o homem que morre da doença do macaco. É o macaco que morre da doença do homem.

A despeito disso, macacos que escapam da doença têm sido ata-

cados e mortos por gente com medo da febre. Na semana passada, um barbado foi morto a tiros em Realeza, Minas Gerais.

— O macaco é tão vítima quanto nós — lamenta Lucena.

O cientista lidera uma força-tarefa de cerca de 20 pesquisadores que passam os dias nas matas para localizar carcaças e bundos sobreviventes. Trabalhando em colaboração com a vigilância sanitária, eles buscam descobrir causa e origem da epidemia. Na semana passada, numa encosta íngreme da Serra dos Pregos, em Santa Teresa, Lucena, o técnico ambiental Rogério Ribeiro dos Santos e a estudante de Biologia Bruna Pacheco Pera

tentavam acompanhar um filhote de barbado, cuja mãe morrera.

— Ele não tem sabação. Se não adoecer, gaviões ou cobras o apunharão. Por algum motivo, os adultos parecem estar morrendo primeiro — diz Santos.

O filhote desapareceu, mas os gemidos de outro remanescente do bando foi ouvido ao longo do dia. Um macho agonizante ainda estava nas redondezas.

— Tem sido assim nas últimas semanas. Encontramos apenas carcaças ou uns poucos sobreviventes, quase sempre doentes ou filhotes órfãos. E isso em várias partes do estado. Há macacos morrendo no Parque Nacional do Ca-

